

EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE: UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA

SANTOS, Jeaneandrea dos Prazeres¹; SILVA, Grayce Kelli Barbosa²; TAVARES, Carla Valéria Ferreira³

¹ Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Pernambuco Dead/IFPE, ² Dr^a em Ciências Biológicas pela UFPE
³ Mestre Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CCT, Professora formadora em Ensino de Ciências pelo Dead/IFPE

RESUMO

O excesso de informação sobre os temas relacionados à sexualidade através dos meios de comunicação em geral, vem desencadeando uma preocupação no âmbito escolar: Como abordar de forma simples e esclarecedora esses temas que fazem parte da formação de cada discente? O objetivo do trabalho foi de analisar como as escolas participam da educação sexual dos adolescentes no ensino fundamental, pretendeu-se inserir o método investigativo nas aulas, com o intuito de envolver os alunos de forma ativa no seu próprio processo educativo. O trabalho foi desenvolvido em uma escola municipal, na cidade de Bom Jardim- PE. A pesquisa foi de caráter qualitativo e exploratório e a partir da análise dos resultados observa-se a carência de informação dos adolescentes sobre a temática, a necessidade de criação de um espaço para o diálogo em sala e uma prática docente com perspectiva emancipatória. Observa-se que 95% dos alunos não debatem os assuntos com seus pais e/ou familiares, o que torna a escola um espaço importante para promoção de saúde e reflexão de suas atitudes e valores.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, investigação, aprendizagem, sexualidade.

1. Introdução

A sexualidade tem sido objeto de estudo em nossa sociedade, por ser um ponto decisório na formação da personalidade do indivíduo. De acordo com os PCNs (1997) a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes, a cada etapa do desenvolvimento, tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, sendo considerada necessidade fundamental dos seres humanos.

Trabalhar os assuntos relacionados à sexualidade dentro do ambiente escolar é garantir o direito à saúde reprodutiva e à saúde sexual dos adolescentes, que se encontram, na maioria das vezes, vulneráveis aos agravos de saúde e/ou situações de violência devido à falta de informações qualificadas, dificuldades de acesso ao serviço de saúde e as normas rígidas de gênero. (Arruda, et al. 2010, p.12)

Observa-se em aulas de ciências, interesse e curiosidade, por parte dos alunos, nas questões relacionadas ao tema. São muitas informações errôneas, fruto de uma sociedade escrava da globalização, com escassez de informação correta. A falta de capacitação dos docentes no tocante ao tema, é um dos fatores que contribuem para a maneira parcial com que os professores debatem e trabalham o assunto na escola. A sexualidade é capaz de interferir desde a alfabetização ao desempenho escolar, portanto a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e investir na formação de professores. (Suplicy, et al. 1994, p.26)

O não tratar da sexualidade na escola confirma aos alunos que o tema é um tabu, algo inaceitável e proibido. Fugindo à sua responsabilidade, a escola se conforma com o aluno desinformado e preconceituoso. É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade e aumentar a consciência das responsabilidades.

Na adolescência há diversas transformações no qual há mudanças físicas e psicológicas, muitos pais encontram dificuldade em aceitar a crescente autonomia que os jovens conquistam, entrando em conflito, e fazendo com que eles busquem outras pessoas para que possam entendê-los. É nesse momento que a escola apresenta um papel relevante no esclarecimento de dúvidas e pode auxiliar na busca de orientação e conhecimento.

A execução de um trabalho em educação sexual dentro da escola torna-se, portanto, estimulador e promotor de saúde dos adolescentes no sentido do desenvolvimento responsável de sua sexualidade, ajudando-os a discernir atitudes e conceitos.

Desta forma o objetivo da pesquisa foi de analisar como as escolas participam da educação sexual dos adolescentes no ensino fundamental. Pretende-se mostrar aos docentes que existem formas de trabalhar e conversar sobre o sexo e sexualidade sem constrangimento, fazendo com que os discentes tenham maior participação nesse processo educativo, e para tal participação a pesquisa foi realizada com base na metodologia investigativa da aprendizagem, uma abordagem na linha de pensamento construtivista, com uma perspectiva emancipatória, na qual os discentes possam transformar sua realidade.

2. Fundamentação Teórica

Desde os anos 60, com os movimentos feministas, homossexuais e o desenvolvimento de contraceptivos hormonais, que os debates sobre a sexualidade, vêm se intensificando e transformando o modo de pensar da sociedade, principalmente nas décadas seguintes, com o advento da epidemia do vírus HIV (Human Immunodeficiency Virus), nos anos 80. Esses marcos foram um importante motor de transformação da sociedade e para estudos relacionados à sexualidade (Heilborn, 1999). Porém, ainda é um tema considerado proibido

por muitos, pois em épocas passadas, ele estava ligado a reprodução, sendo pecaminosa qualquer forma de busca de prazer, porque mexia com a sensação e a fantasia das pessoas. Diversas religiões buscavam a felicidade pela eterna negação do prazer, acreditando que pela ausência de relações sexuais, os seres humanos poderiam alcançar maior desenvolvimento espiritual (Louro, 1997).

Segundo Heilborn (1999, p.31), na década de 80, a sexualidade era concebida no interesse da medicina preventiva (e muitas vezes realizados por leigos, epidemiológicos e pelos próprios médicos), esses estudos focalizaram principalmente, o comportamento e as práticas sexuais, sendo estas geralmente delimitadas pela noção de riscos no sentido epidemiológico do termo. Para Nedeff (2003), com o surgimento da psicanálise, a sexologia surgia como uma nova ciência e, seus teóricos sofriam influências psicanalíticas, porém traziam contribuições de outras ciências, para relatarem e pesquisarem a sexualidade humana. No final do século XX, identificou-se a necessidade de um novo significado para a sexualidade, um conceito que envolvesse conhecimentos da medicina, psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia, etologia, e educação, para compor uma estrutura científica interdisciplinar que compõe a sexologia moderna.

Embora nossa civilização tenha, nos últimos séculos, vivido alguns momentos de maior liberdade sexual, ainda há certo constrangimento por parte de muitos, devido a marcas dos costumes transmitidos de gerações passadas. A séculos a sexualidade vem gerando polêmicas, apesar da revolução sexual, da globalização e dos meios de comunicação terem contribuído para mudanças de atitudes, as questões ligadas à sexualidade e ao sexo ainda encontram resistência e continuam sendo um tabu. Sendo considerada uma dimensão de problema social, moral e de saúde pública (Altmann, 2001).

É evidente a necessidade de trabalhar o tema sobre uma nova e inquietante questão relacionada com o uso indevido do corpo. As doenças relacionadas com o sexo como AIDS (HIV), Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e o uso indiscriminado de drogas injetáveis vêm desencadeando preocupações nas esferas da sociedade: na saúde, educação, assistência social, entre outras.

De acordo com os PCNs, a orientação sexual deve integrar o currículo das escolas públicas e ser objeto de treinamento de professores. A desinformação, o medo e a angústia decorrentes da ignorância podem comprometer a capacidade de aprender da criança e as suas possibilidades de ter uma vida sexual harmoniosa, assim como colocá-la à mercê de experiências sexuais diante das quais se encontrará desprotegida (Aquino, 1997).

O ambiente escolar pode ajudar o jovem a descobrir a si mesmo e a inserir-se no seu mundo, pois a sexualidade trabalha com o aspecto vital no amadurecimento mental e na formação de sua personalidade.

Independentemente da participação familiar no processo educativo, à sexualidade está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, que têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade. (Jardim e Bretas, 2006, p. 158).

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de autorresponsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade. (Jardim e Bretas, 2006, p. 158).

Assim, a construção do conhecimento novo acontece a partir das bases de concepções anteriores em que são problematizadas e sintetizadas em um novo saber fazer, que cria e recria o real. Reconhecer o conhecimento prévio do educando, suas explicações diante dos fenômenos socioculturais, é fundamental para uma prática pedagógica que procura refletir a condição existencial como problema. Apreendendo e contextualizando a realidade do educando, o conteúdo programático da educação emerge frente às contradições sociais vivenciadas. (Demartini e Silva, 2016, p.65).

3. Metodologia

Este trabalho baseou-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório, pois, este método leva-nos a conhecer mais de perto a realidade e o cotidiano da prática dos professores e alunos nas aulas de educação sexual, visto que dispõe de recursos que permitem maior aproximação entre pesquisador e seu objeto de estudo, propiciando com isso, uma melhor compreensão da rotina escolar e das percepções que envolvem o problema em questão: a educação sexual no ensino fundamental.

O trabalho foi realizado com estudantes do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal, no Município de Bom Jardim – PE.

Na escola funciona o ensino regular, os anos iniciais e finais do ensino fundamental, nos turnos manhã e tarde, contém 22 salas, laboratório de informática, biblioteca, cantina, auditório, sala de professores e direção, a instituição é composta por 600 alunos e 24 professores no total.

Os encontros foram divididos em 4 etapas: 1ª Etapa: Levantamento de concepções prévias; Questionário; 2ª Etapa: Documentários; Problematização do tema; 3ª Etapa: Júri Simulado; 4ª Etapa: Apresentação das produções dos alunos.

Inicialmente foi realizado como situação didática um levantamento dos saberes dos estudantes, ou seja, as concepções prévias. O processo de coleta de dados ocorreu através da aplicação de questionário nas séries finais do ensino fundamental. Figura 1.

Figura 1. Processo de coleta de dados, Aplicação do questionário



Fonte: Dados para fins de pesquisa, SANTOS 2018.

Perguntas realizadas no questionário, de acordo com o apêndice I:

- *Quais as principais dúvidas que você tem em relação à sexualidade?*
- *Onde você obtém informações sobre sexualidade?*
- *Seus pais conversam com você sobre sexualidade?*
- *Na escola você recebe algum tipo de orientação sexual? Em caso positivo, como é feito?*

Para complementar a coleta dos dados, foi aplicada em sala de aula atividades investigativas. Dentro dessa perspectiva, procurou-se contemplar alguns pontos em sala, como: um enfoque construtivista da aprendizagem, abordagem de temas sociais relevantes para os estudantes, contextualização dos assuntos abordados, desenvolvimento de atividades que levam à reflexão e tomada de decisão frente a problemas de ordem social.

Foram utilizados nas aulas recursos didáticos que facilitaram a problematização e as discussões sobre o tema, tais como: Documentário do Profissão Repórter (06\12\2017) – Gravidez na adolescência (35min.); Um Júri simulado para incentivar a argumentação, o debate; e a construção de vídeos pelos estudantes.

Para a realização das atividades, foram utilizadas 6 aulas (cada aula de 45 min.), os trabalhos foram produzidos em grupos. Para registrar os questionamentos, e informações importantes durante as interações foram utilizados o diário de campo e algumas atividades escritas dos discentes.

4. Resultados e Discussão

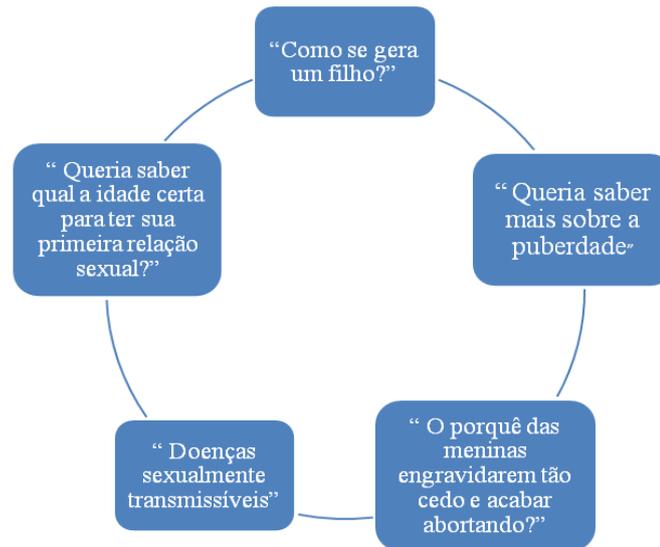
Através das intervenções realizadas em sala de aula, observa-se a necessidade pelos alunos, da criação de um espaço dentro da escola, onde possam expor suas opiniões e dúvidas sobre temas presentes na adolescência, principalmente os temas sobre sexualidade. A escola reconhece essa realidade, mas, ainda hoje sente dificuldades em como desenvolver trabalhos e abordar o tema com os jovens, mesmo sendo incentivada pelos PCNs.

A utilização de atividades investigativas para abordar os temas relacionados à sexualidade, abre espaço para que o educando seja agente ativo no seu processo de aprendizagem. Conforme ressalta Azevedo (2004, p.22), utilizar atividades investigativas como ponto de partida para desenvolver a compreensão de conceitos é uma forma de levar o aluno a participar de seu processo de aprendizagem, sair de uma postura passiva e começar a perceber e agir sobre o seu objeto de estudo, relacionando objeto com acontecimentos e buscando as causas dessa relação, procurando, portanto, uma explicação causal para o resultado de suas ações e/ou interações.

O tema gerador do problema partiu das respostas do questionário e da realidade que os alunos da escola vivenciam, em duas salas onde foram feitas as intervenções pedagógicas existiam meninas com idade entre 14 – 17 anos grávidas. Um problema em uma aula de ciência envolve a construção do cenário de investigação, este cenário pode ser composto por ideias trabalhadas em aulas anteriores ou por elementos da experiência cotidiana dos estudantes. O importante é ser o problema capaz de mobilizar a ação dos alunos (Sasseron, 2013, p.120).

Dentre os questionamentos abertos sobre as principais dúvidas em relação à sexualidade, 20 alunos não responderam e 6 disseram não ter dúvidas sobre o assunto, as principais dúvidas levantadas estão apresentadas na figura 2.

Figura 2. Principais questionamentos levantados pelos estudantes.

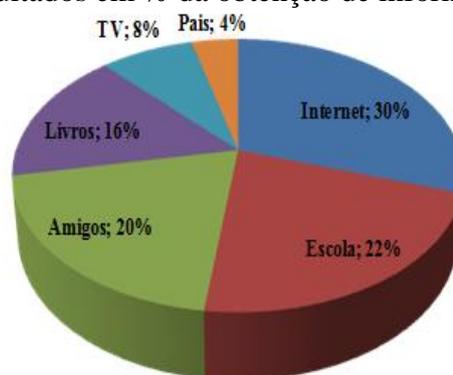


Fonte: Dados para fins de pesquisa, SANTOS 2018.

O questionário serviu para confirmar a necessidade de mudança na prática dos professores em sala de aula. Segundo Gil (1999) apud Chaer (2012, p. 260), questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Ao analisar as respostas dos alunos quanto a busca de informação sobre o tema observa-se na figura 3.

Figura 3. Resultados em % da obtenção de informação sobre sexualidade.



Fonte: Dados para fins de pesquisa, SANTOS 2018.

De acordo com o gráfico, 30% dos estudantes obtêm informações sobre sexualidade na internet (blogs, vlogs, sites); 22% afirmam obter essas informações na escola, com os professores ou em palestras; 20% em rodas de conversas com os amigos; 16% procuram

informações em livros; 8% através da TV (programas, novelas, reportagens) e apenas 4% dialogam com os pais sobre o tema.

A falta de orientação sexual na família, o bombardeamento de informação, muitas vezes sem segurança e sem intenção educativa, através da mídia e internet, faz com que os adolescentes fiquem cada vez mais curiosos e equivocados no que diz respeito ao conceito de sexo e sexualidade. Conforme ressalta Figueiró (2009, p. 38), o contexto escolar desempenha um papel importante na orientação dos estudantes, independente das intervenções formais que esta pode lhe oferecer neste campo.

Percebemos que existem ainda instituições que reprimem certos comportamentos dos jovens e que nem sempre os educadores enfrentam, com serenidade e com o tato necessário, brincadeiras e comportamentos de ordem sexual, atribuindo-lhes uma gravidade e um caráter que, na realidade, não têm. Não se pode fugir dessa responsabilidade, afirmando incapacidade ou dificuldade de tratar esse assunto, porque é uma realidade os jovens expressarem-se sobre ele nos bilhetinhos, nas conversas paralelas e de tantas outras formas.

O vídeo foi um instrumento utilizado para introduzir o assunto, despertar a curiosidade, e estimular os alunos a refletirem, frente aos seus conceitos prévios, visto que, vídeo está ligado à televisão e a um contexto de lazer e entretenimento. Figura 4.

Figura 4. Exibição do vídeo (documentário)



Fonte: Dados para fins de pesquisa, SANTOS 2018.

Na cabeça dos alunos, vídeo significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura e expectativas em relação a seu uso. (Moran, et al., 2009, p. 36). Com a exposição da

realidade dos jovens brasileiros que engravidam cedo, das dificuldades enfrentadas algumas questões foram levantadas por eles, como:

“Com tanta camisinha no mundo, e o povo engravida, sabem tomar remédio não?”

“Se acontecesse comigo minha mãe ia me matar!”

“Como uma mãe deixa a filha de 14 anos morar com um cara de 36?”

“Nesse lugar não tem posto de saúde pra distribuir camisinha não?”

O Júri simulado fez com que os adolescentes dialogassem, argumentassem sobre o porquê da gravidez nesse período da vida.

“Quem tem mais filho são o povo pobre, então a culpa é do governo”

“A culpa não é dos pais não, hoje em dia as meninas são viradas”

“Os pais tem que conversar, a escola tem que dar aula de como usar pílula e camisinha”

“Eu acho que a culpa é um pouco de todo mundo, da família que não conversa, da escola que fala só quando tem no livro, do governo que não dá emprego e às vezes tem tudo isso e fica grávida do mesmo jeito.”

Segundo Freire apud Minasi, et. al. (2011 p. 82), O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer ao mundo segundo nosso modo de ver.

O Vídeo produzido pelos alunos foi um instrumento utilizado para incentivar a pesquisa, a busca de informações sobre os métodos contraceptivos e uma maneira de expor suas ideias, valores, dando voz aos estudantes, fazendo com que eles sejam agentes do seu processo de aprendizagem.

A realização das intervenções pedagógicas em sala de aula buscou utilizar o método investigativo, no qual os alunos puderam participar de forma ativa do processo de ensino-aprendizagem, para que tivessem a experiência de trabalhar por si próprios, inclusive errando, já que o erro é visto como parte essencial para o aprendizado, pois estimula os alunos a pensar e buscar responder suas dúvidas, dando liberdade intelectual para construírem seus próprios conceitos. (Sessaron, 2013).

Segundo Azevedo (2004, p. 24-25), na proposta investigativa o aluno deixa de ser apenas um observador das aulas, muitas vezes expositivas, passando a ter grande influência sobre ela, precisando, argumentar, pensar, agir, interferir, questionar, fazer parte da construção de seu conhecimento. Com isso, deixa de ser apenas um conhecedor de conteúdos, vindo a

“aprender” atitudes, desenvolver habilidades, como argumentação, interpretação, análise, entre outras.

Observou-se que quando se coloca em pauta o tema sexualidade, a maioria dos estudantes relacionam diretamente com as práticas sexuais e as dúvidas levantadas são sobre elas. Ao trabalhar os temas levantados cabe ao professor, procurar meios pelos quais possa sanar as dúvidas, incentivando o diálogo, abordando os contextos biológicos, sociais e culturais inseridos nos vários temas.

No debate, em torno de 95% dos alunos afirmam não conversar com seus pais e professores sobre sexualidade e na escola quando tem algo. é feito através das aulas de ciências e palestras com enfermeiros. Reprodução do comentário de um estudante:

“Eles vem ensinar usar camisinha, professora!”

Para Figueiró (2009, p. 40), Se essas palestras foram programadas com a intenção de limitar-se à pura informação, descontextualizadas do cotidiano do educando, transmitidas como um processo não planejado e sem a interferência dos jovens, fatalmente se tornará alvo de opiniões desfavoráveis e até depreciativas, pela escassez de coerência e lógica. Delas, o estudante não participa, sendo apenas um mero espectador; e o orador é um reproduzidor de palavras e frases que, num curto espaço de tempo, serão esquecidas.

Outro ponto importante do questionário foi sobre quantos anos os estudantes acham necessário a escola falar sobre sexualidade e as respostas variaram entre 12 – 14 anos de idade, justificando ser a idade que começam as transformações do corpo. E a maioria acredita que debater e falar sobre sexualidade na escola não incentiva a iniciação precoce da prática sexual, pelo contrário ajudam a sanar as dúvidas que os adolescentes têm nesse período de transformações. Como afirma Parente (2003), Uma educação sexual adequada reduz os índices de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e gravidez na adolescência, como comprova pesquisa da Unesco realizada em 420 escolas de Ensino Fundamental e Médio de 14 cidades brasileiras. É um mito acreditar que, ao falar sobre sexo, estamos estimulando o aluno a iniciar-se na prática. Pesquisas comprovam que o jovem que recebe educação sexual na escola costuma adiar sua primeira vez ou, pelo menos, fazê-la de forma mais consciente e responsável.

A sala de aula pode ser vista como um laboratório onde há possibilidades de expressar pensamentos e refletir sobre si mesmo, promovendo autoestima, confiança e autonomia pessoal, além do senso crítico, fundamentais para transformar atitudes, na busca de uma vida mais feliz e saudável.

5. Conclusões

A sociedade está em constante transformação assim como os cidadãos que nela estão inseridos. Mesmo com marcas de culturas passadas a escola deve tentar adaptar-se a tais mudanças e criar oportunidades para que os jovens possam discutir sua sexualidade de forma segura e criar competências pelas quais possam participar de forma ativa do seu processo de aprendizagem.

Criar um novo ambiente escolar, no qual os professores atuem como mediadores e não como meros expositores é um desafio, assim como criar alunos mais pensantes e, portanto, emancipados. Esse novo ambiente escolar traz consigo a necessidade de uma metodologia que promova a investigação, curiosidade e que crie alternativas e soluções para problemas reais.

De acordo com os resultados obtidos no trabalho é notória a necessidade de implantar em sala um espaço, no qual os alunos possam expor suas dúvidas e opiniões, visto que a escola é um dos principais ambientes de formação de um indivíduo e a maioria das famílias não cumprem o seu papel de informar de maneira segura e ouvir o que os jovens tem para dizer.

A metodologia investigativa da aprendizagem contribui para uma educação que visa formar cidadãos reflexivos, questionadores, com capacidade de aprender e transformar suas atitudes.

Referências

ALTMANN, H. Estudos feministas. Ano 9º. Artigo: **Educação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais**, 2001. 11 p.

AQUINO, J. G., (org). **Sexualidade na escola: alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997. 143 p.

ARRUDA, S; RICARDO, C; NASCIMENTO, M; FONSECA, V. **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade**. (org) Instituto Promundo. 1ª Edição, Editora Fundação Ford - Brasil, 2010. 75 p. Disponível em: <<https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2015/01/guia-adolescentes-jovens-e-educacao-em-sexualidade.pdf>>. Acesso em 08 de abril de 2018.

AZEVEDO, M. C. P. S. **Ensino por investigação: problematizando as atividades em sala de aula** (2006). In: CARVALHO, A. M. P. (org.). Ensino de Ciências unindo a pesquisa e a prática, São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2004. Cap. 2. p.19-34.

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1997.
- CHAER, G; DINIZ, R. R. P; RIBEIRO, E. A. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Revista Evidência, 2012. p. 251 – 266.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças**. UEL, 2009. 208 p.
- HEILBORN, M. **Sexualidade: O olhar das ciências sociais**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- JARDIM, D. P; BRÊTAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP**. Revista Brasileira de Enfermagem, 2006. p. 157-162.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 184 p.
- MINASI, L. F. MOURA, D.V; DAMO, A; CRUZ, R. G. **Leituras de Paulo Freire. Leitura de Mundo, leitura de palavras**. 1ª Ed. 2011.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16ª edição. PAPIRUS. São Paulo, 2009. Cap.1. p. 11- 66.
- NEDEFF, C. C. **Contribuições da sexologia sobre a sexualidade do adolescente: Uma revisão bibliográfica**. Revista eletrônica de psicologia- n. 03, Curitiba, out. 2003.
- PARENTE, C. **É preciso falar de sexo**. Revista nova escola. 01\08\2003. Fundação Lemman. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/539/e-preciso-falar-de-sexo>>. Acesso em 25 de Junho 2018.
- RIBEIRO DEMARTINI, G; GOUVÊA DA SILVA, A. F. **Articulação entre Paulo Freire e Herbert Marcuse: educação sexual emancipatória em uma escola estadual do município de Sorocaba-sp**. Revista e-Curriculum, v.14, n.1, 2016. p. 56-81.
- SASSERON, L. H. **O ensino por investigação: pressupostos e práticas. Fundamentos teórico-metodológico para o ensino de ciências: a sala de aula**. 2013. Pág. 116-124. Disponível em: <https://midia.atp.usp.br/plc/plc0704/impresos/plc0704_12.pdf>. Acesso em 15 de maio 2018.
- SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C.; VONK, F. V. V.; BARBIRATO, M. A.; SILVA, M. C. P.; SIMONETTI, C.; SCHWARZSTEIN, J. **Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia**. Tradução e adaptação do Grupo de Pesquisa de Trabalho em Orientação Sexual, 2ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. 161 p.